

## A VOZ DE RUI BALSEMÃO

Meus queridos amigos

Em especial, meu querido amigo Rui Balsemão

Hoje, sinto-me particularmente feliz por estar aqui junto de vós.

E, quando digo isto, não estou a fazer nenhum apelo à imaginação de quem me ouve, nem se trata de mais uma frase muito gasta, a querer dizer que estou presente em espírito. Num momento tão importante da tua vida, Rui, em que dás a conhecer este teu **“gerado canto arrancado a ferros”** (pág. 18) que, na cédula de baptismo recebeu o nome de **“A Voz de Dentro”**, eu não poderia deixar de estar do teu lado e ao teu lado, de corpo e alma.

Eu sou **“A Voz de Fora”**, mas que nunca deixou de estar dentro da placenta fluída da amizade, unida pelo cordão de carinho que vos dedico. Por isso, tenho esta certeza de estar aqui, onde sempre estive, e de onde nunca saí, porque só se parte quando verdadeiramente somos esquecidos. A memória é o caminho através do qual desbravamos a distância, **“desfeita em vento”** (pág. 17), que nos permite estar onde quisermos, sempre que o desejo e a vontade cedem ao apelo dos amigos. Foi o caso, Rui, quando me comunicaste que iria ser hoje o lançamento do teu livro. Bastou que me deixasse levar pela tua **“Voz de Dentro”**, **“como se de longe me chamasse”** (pág. 17), através dos versos dos poemas com que deste corpo e vestiste de palavras este novo filho.

Outras vozes de fora, muito mais sonantes e habilitadas do que a minha, mas igualmente amigas – a do Onésimo e a do Eduardo – disseram já o que de mais expressivo havia para dizer sobre a tua obra: um sob a forma de prefácio; outro, numa recensão breve, mas suficientemente elucidativa, inscrita na badana do livro. Quando os especialistas esgotam o léxico de uma análise feita de sabedoria, conhecimento e experiência, tudo quanto eu agora possa acrescentar corre o risco de ficar reduzido a uma mão cheia de banalidades. Apesar disso, meu amigo, a ousadia fala mais alto e **“mora-me na boca o hábito de um beijo”** (pág. 86) com que te quero felicitar.

Se nos lembrarmos que ao teu primeiro livro chamaste **“Meu Grito Meu Canto”**, fácil é concluirmos que os teus poemas não nasceram para viverem calados

em folhas de papel que, silenciosas, guardavas nas tuas gavetas da hesitação, à espera da perfeição suprema. A forte sonoridade que lhes emprestavas denunciavam a sua presença, razão por que não resististe a emprestar palavras deles a músicas de festivais da canção, onde, ano após ano, foste conquistando prémios.

A estrutura, já de si bem arquitectada de “Meu Grito Meu Canto”, experimentou novos contornos, ganhou outros timbres e ensaiou voos mais ousados, com que atingiste a maturidade segura expressa nesta tua nova obra. “A Voz de Dentro” é bem o testemunho de que não ficaste amarrado a uma só forma de métrica e rima, a uma só expressão estética, mas soubeste encontrar dentro de ti, com a exigência a que nos habituaste, uma voz diferente para falares dos mesmos temas que continuam a habitar os teus mundos interiores.

No mundo que nos rodeia, Rui, as pessoas podem ser classificadas em duas categorias: as que passam pela vida e as que deixam que a vida passe por elas. Porém, ambas indiferentes ao pó do tédio que as suas pegadas foram levantando pelos percorridos caminhos da ignorância. “**Felizes vós que sabeis por que saís e para onde ides**” (pág. 20), assim te diriges a eles, porque tu não te incluis em nenhum destes grupos, mas aos que se interrogam sobre o sentido da vida, porque te deitas “**ainda a mastigar a côdea da dor que me ficou de véspera e acordo logo a ingerir o dia**” (pág. 20) e vives na contradição de nunca saber “**por que raio ainda fico/ nem por que diabo saio ainda**” (pág. 21).

Este paradoxo sem solução, assente em dois verbos contraditórios – ficar e sair – são bem o espelho em que se reflectem muitos outros pares de palavras antitéticas, que permanentemente se degladiam no campo de batalha do poema, sem encontrarem no verso da reconciliação “**a página da sua inocência/ que ficara em branco**” (pág. 63). Em ti, há sempre um “antes” e um “depois” sem que te consigas definir quando estás depois do antes ou antes do depois. Nas tuas viagens ao mais profundo dos conflitos que te habitam, o tempo trocou-te as voltas, baralhou-te a sequência dos anos e apagou o ponteiro da cronologia que marca as horas de vidas certinhas, numa numeração e sequência vazias de sonhos.

Não é o teu caso! Nascestes para te perderes; primeiro, na confusão dos espaços impostos por uma transumância que te fez ser arrancado ao “**leito adormecido doutro chão**” (pág. 55), a que julgavas pertencer, por força de um pastor que não conhecia outros horizontes que não fossem os do rectângulo da sua teimosia política; depois, na babel de outras línguas que te viste obrigado a descodificar para

sobreviveres a um futuro incerto; por último, urdir uma nova teia de afectos, a partir dos fios cruzados na trama dos três teares de que se compõe a tua vida: Angola, Portugal e, por último, a imensidão da diáspora canadiana..

Só, então, por fim, sentiste que és dono de ti. E tu gostas de ser dono de ti, para poderes domar o tempo e travar a tua batalha diária com as palavras, até as venceres e poderes **“beber silêncios/ tecer cânticos, moldar e esculpir almas”** (pág. 34). Por isso te angustia o facto de ninguém te ter perguntado se querias nascer: **“Deixei-me parir sem que antes me arrependesse/ e me negasse a nascer/ e sem que soubesse/ que depois morria”** (pág. 26).

Neste intervalo, que vai do momento em que foste “parido” até àquele em que outros dirão que terás “partido”, foste e serás sempre poeta, porque ser poeta **“É adiar o tempo/ e partir na véspera do dia/ que antecede o amanhã seguinte/ do outro dia/ lá noutro lado,/ onde não há dias nem noites nem horas,/ apenas o espaço onde se hiberna e gravita”** (pp. 34-35).

Num dos eventos há bem pouco tempo organizado, para celebrar o Dia da Poesia, um dos intervenientes alvitrou a hipótese de os poetas da diáspora passarem a ser incluídos nos programas de Estudos Portugueses leccionados nas universidades. Concordo, plenamente, quando o critério a estabelecer for o da qualidade da obra produzida. Então, cumprir-se-á a sentença bíblica **“Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos”** (Mat. 22, 14) e tu estarás, por mérito próprio, entre os escolhidos.

Porque ler “A Voz de Dentro”

**É voltar**

**ao âmbito quente e húmido da placenta**

**rompê-la de novo**

**e renascer saciado**

**num poema de amor, parido em júbilo,**

**numa tarde de Abril,**

**penteadada de sol e radiante de espanto** (pág. 36).

Parabéns, Rui!

*Sardoal, 17 de Abril de 2009*

*Aida Baptista*